

COMBATE AO BULLYING EM AMBIENTE ESCOLAR

Leonardo Paes Santos*
Renata Zamprogno**
Prof^aMSc. Michel Beccalli***

RESUMO

O presente trabalho trata de um relato de experiência que resultou de um projeto de intervenção realizado como parte de uma disciplina do curso de enfermagem, cujo objetivo foi elaborar ações com vistas a contribuir na resolução de um problema de saúde presente na comunidade. A problemática escolhida foi o *bullying* em ambiente escolar, pois é um tipo de violência ainda comum nas escolas, com implicações na saúde dos envolvidos. A intervenção aconteceu em uma escola de ensino médio no município de Cariacica-ES, envolvendo os alunos em discussões acerca do tema, mapeamento das percepções dos alunos a respeito do bullying e construção de murais.

Palavras-chave: *bullying*; saúde do adolescente; Enfermagem em saúde comunitária; Promoção da Saúde no Ambiente Escolar.

ABSTRACT

The present work deals with an experience report that resulted from an intervention project carried out as part of a discipline of the nursing course, whose objective was to develop actions with a view to contributing to the resolution of a health problem present in the community. The chosen issue was *bullying* in the school environment, as it is a type of violence that is still common in schools, with implications for the health of those involved. The intervention took place in a high school in the city of Cariacica-ES, involving students in discussions about the theme, mapping students' perceptions about bullying and building murals.

Keywords: bullying; adolescent health; Community health nursing; Health Promotion in the School Environment.

* Rede de Ensino Doctum – Unidade Serra – leonardopsantoss@hotmail.com – graduando em enfermagem.

** Rede de Ensino Doctum – Unidade Serra – renata-manga@hotmail.com – graduanda em enfermagem.

*** Rede de Ensino Doctum – Unidade Serra – prof.michel.beccalli@doctum.edu.br (orientador do trabalho).

1 Introdução

A escola é um dos contextos sociais mais significativos na vida dos escolares, sendo um dos ambientes, além da família, que tem o poder de influenciar no desenvolvimento humano saudável (FERNANDES et al., 2020). É um importante espaço de constituição de relacionamentos, e quando há violência envolvida na dinâmica das relações, há riscos para o surgimento de danos à saúde (OLIVEIRA et al., 2017).

Origina-se “um tipo de violência presente nas escolas há bastante tempo é o *bullying*, caracterizado por atitudes contínuas e intencionais praticadas por alguns alunos, tais como intimidações, insultos, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os a exclusão, além de danos físicos, morais e intelectuais” (FANTE, 2005, p. 28-29).

É um fenômeno múltiplo e diverso, que assume determinados contornos em consequência de práticas inerentes aos estabelecimentos escolares e ao sistema de ensino, bem como às relações sociais nas escolas (LOPES NETO, 2005). As agressões também se estendem pela internet – o *cyberbullying*, já que a rede permite o anonimato com a criação de perfis falsos em redes sociais, o que contribui para a propagação de imagens e mensagens constrangedoras contra alguém (LOPES NETO, 2005).

Segundo dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) de 2015, um em cada dez estudantes brasileiros é vítima de *bullying* (BRASIL, 2017). Essa situação de violência é motivo de grande preocupação e interesse para os profissionais de saúde, da educação, dos pais e até mesmo dos próprios alunos devido aos efeitos negativos a saúde mental das pessoas envolvidas (CARVALHOSA ET AL., 2001), sendo assim “um importante determinante para a saúde, o desenvolvimento e o processo ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes (OLIVEIRA et al, 2017, p. 622) ”.

Estudos demonstram associação do *bullying* escolar e problemas de saúde nos envolvidos, com implicações a curto e longo prazo (OLWEUS, 2013). Nas vítimas podem surgir sintomas psicossomáticos como cefaleia e insônia entre outros, além de danos à saúde mental com aparecimento de quadros depressivos, ansiedade, baixa autoestima, isolamento social e comportamento suicida (MOORE

et al. 2017). Nos agressores há risco elevado de envolvimento em comportamentos de risco a saúde como uso de substâncias psicoativas, relações sexuais precoces, além de maior probabilidade de envolvimento na criminalidade quando adultos (OLIVEIRA et al., 2016;).

Os fatores de risco para a manifestação do *bullying* estão relacionados a aspectos econômicos, sociais e culturais, de temperamento, dinâmica familiar, escolar e comunitária, o que torna o fenômeno um problema complexo e de difícil solução. As medidas preventivas vão além do ambiente escolar, e envolvem a família, instituições de saúde, poder público e a sociedade de um modo geral (LOPES NETO, 2005).

Diante da seriedade da situação, no Brasil foi aprovada a lei 13.663 de maio de 2018 que inclui na lei de diretrizes e bases da educação nacional (Lei 9.394/1996) a obrigação das escolas realizarem ações de combate a violência, especialmente o *bullying*, e promoção de uma cultura de paz (BRASIL, 2018). Sendo assim, com o intuito de somar esforços na prevenção da prática de *bullying* nas escolas foi idealizada uma estratégia de intervenção por acadêmicos de enfermagem, que teve como objetivos específicos a conscientização dos alunos sobre o problema, orientação quanto a rede de atenção disponível, além de identificar as vivências dos estudantes relacionadas ao *bullying*. Isto posto, o objeto desse artigo é relatar a experiência de um projeto de intervenção que buscou contribuir na resolução de um problema de saúde presente na comunidade, articulando assim formação profissional e responsabilidade social.

3 Metodologia

O presente artigo trata de um relato de experiências sobre um projeto de intervenção realizado por acadêmicos do 6º semestre de enfermagem das Faculdades DOCTUM de Serra – ES, cujo objetivo foi elaborar ações com vistas a contribuir na resolução de um problema de saúde presente na comunidade. A problemática escolhida foi *bullying* em meio escolar, cujo interesse deu-se em razão de um dos autores do artigo atuar como professor em uma escola de ensino médio, o que possibilitaria e facilitaria a execução da intervenção.

As ações propostas foram executadas em parceria com a Escola E. E. E. M. F. “Saturnino Rangel Mauro”, localizada no município de Cariacica, no estado do

Espírito Santo e tiveram início em agosto de 2019 seguindo até novembro do mesmo ano.

Consistiu em três etapas:

1) inicialmente foi realizada revisão de literatura sobre o tema para embasamento teórico e definição das ações interventivas;

2) execução da primeira ação através de mapeamento da percepção dos alunos a respeito do fenômeno *bullying* na própria escola, com a utilização de um questionário de perguntas abertas e fechadas, elaborado pelos autores.

2) segunda ação por meio de discussão da temática em sala de aula dando ênfase à questão da empatia e da alteridade como elementos fundamentais para a construção das relações sociais;

3) construção de murais pelos alunos, destacando as situações vivenciadas e onde são estabelecidos compromissos da comunidade escolar para minimizar o problema.

A ênfase da ação foi no envolvimento dos alunos, buscando chamar a atenção deles ao problema e incentivar a cultura de paz entre os escolares.

4 Resultados e discussões

Na primeira atividade foram distribuídos aleatoriamente cento e dez questionários aos alunos da escola, que eles responderam de boa vontade. A partir dos dados coletados foi possível conhecer as percepções dos alunos sobre *bullying* na escola, assim como os sentimentos e frustrações daqueles que já foram ou são alvos de ataques. A seguir apresenta-se o resultado de todos os dados do questionário aplicado.

Em relação ao perfil dos alunos: 60,0% se identificaram como meninos e 40,0% como meninas, com idades de 14 a 18 anos. Pelos questionamentos sobre *bullying* constatou-se a existência do fenômeno na escola, pois dos 110 alunos que responderam, a maioria 54,4% apontou já ter feito algum tipo de *bullying* contra o colega, assim como também a maioria 62,7% afirmou ser alvo.

No que se refere a localização, em todo o ambiente da escola há ocorrências, sendo que a maioria dos alunos (35,4%) afirmou acontecer dentro da sala de aula;

23,6% dos escolares apontaram a hora do recreio/intervalo; 17,3% responderam que ocorre no caminho de casa ou escola e 11,8%, na entrada ou saída da escola.

Quanto a relatar a alguém sobre *bullying*, verificou-se que a maior parte das vítimas (70%) não relata o que está sofrendo com ninguém; já 23,6% conta ao seu melhor amigo; 4,5% comenta com os pais e apenas 1,8% leva o assunto a algum professor.

Sobre as causas das agressões na percepção dos adolescentes, estes acreditam que o motivo que leva a atos de *bullying* acontece em razão da aparência, para chamar atenção de outros de alguma forma, para mostrar poder ou por inveja.

E quando questionados sobre o que a escola poderia fazer para diminuir a prática de *bullying*, eles responderam que a instituição deveria convocar os responsáveis do aluno agressor, criar atividades de combate a violência escolar, oferecer suporte as vítimas, castigar os agressores com suspensão ou expulsão e até mesmo denunciá-los as autoridades policiais.

Para conhecer as experiências das vítimas de *bullying* foi solicitado que descrevessem como foi passar pela situação, quais eram os ataques sofridos e o que gostariam que naquele momento alguém tivesse feito no momento da ocorrência.

Alguns relatos de estudantes que foram vítimas dessa ação estão descritos a seguir:

“muito difícil, porque não dava vontade de ir para a escola e ficar ao lado da pessoa que me agredia com palavras, me deixava muito triste essa brincadeira de mau gosto, minha vontade é de me matar”.

“muito triste, minha vontade era de me suicidar, mas o tempo foi passando e muitos que fizeram bullying comigo viraram meus amigos”.

“ Me chamava de macaca e eu ficava muito triste com toda esta situação, queria sair da escola pois tinha muita vergonha. ”

Comportamento suicida, medo e constrangimento são causadas por ações de hostilizações e insultos em ambiente escolar, contribuindo até mesmo na falta de interesse pelos estudos e afetando a auto estima do aluno, ficando evidente a seriedade e a gravidade do bullying na escola.

No tocante aos atos agressivos sofridos, verificou-se que os ataques são verbais, sendo alguns evidenciados abaixo:

“disseram que parecendo uma bruxa, porque o meu cabelo era curto demais e cheio, e que eu estava gorda.”

“quatro olho, gorda, macaca, gorila e que eu não tenho nenhuma chance de arrumar um namorado.”

Ficam notórias que as diferenças físicas, sociais e culturais são pontos relevantes para o surgimento dessas ações entre os escolares.

E quando os sujeitos alvos foram perguntados sobre o que eles gostariam que naquele momento alguém tivesse feito/falado a eles, as respostas foram:

“estou com você, não fica assim, não liga para o que eles falam. Você não é isso o que eles dizem. ”

“você é linda, fofa você e maravilhosa.”

“que eu não sou aquilo que me falaram e me ajudasse a superar, que tudo isso era só coisas da cabeça deles.”

“gostaria de ter um ombro amigo,”

“que a aparência não vale mais que a sua inteligência, sua bondade.”

O ambiente escolar deve proporcionar segurança ao aluno de modo que ele se sinta em paz e motivado para frequentar este local onde ele passa grande parte do seu tempo.

A segunda atividade produzida foi discussão em sala de aula com os alunos acerca do fenômeno, onde buscou-se esclarecer o problema e como este pode afetar negativamente a vida dos envolvidos, além de informá-los da rede de apoio disponível para que os escolares busquem ajuda. No decorrer desse momento de diálogo, alguns estudantes manifestaram suas dúvidas e opiniões, e observou-se que alguns percebiam o *bullying* apenas como uma brincadeira, outros expressaram espanto nas suas falas ao constatarem que algumas atitudes configuram condutas de *bullying*, que podem causar sofrimento nos colegas.

A última ação da intervenção foi a construção dos murais a partir dos relatos descritos no questionário, com frases que evidenciavam situações sofridas pelos estudantes, e que ficaram expostos no pátio da instituição para que toda a escola visualiza-se, despertando assim a reflexão sobre o assunto.

A realização de ações preventivas e de combate ao *bullying* nesta escola, cumpri com a lei em vigor que exigem esforços da instituição sobre o tema e também proporciona uma melhor interação entre estudantes e professores onde todos têm liberdade de expor seus sentimentos e opiniões sobre o assunto contribuindo assim para um ambiente escolar mais saudável e fazendo com que a escola volte a ser um ambiente motivador.

O desafio da intervenção foi encontrar um modo de chamar a atenção dos alunos para o problema e suas consequências, e por fim decidiu-se pela construção dos murais com frases retiradas das respostas discursivas do questionário aplicado. Considerou-se os resultados positivos, pois os alunos demonstraram interesse e participaram de todas as atividades propostas. Segundo Lopes Neto (2005), medidas simples inseridas no cotidiano escolar dos alunos, que os envolvam em

atividades relacionadas ao tema também podem contribuir para a redução de *bullying*.

A etapa de mapeamento das percepções através do questionário trouxe o alerta dos efeitos negativos do *bullying* no bem-estar de alguns alunos. Conforme aponta Lopes Neto (2004), é um passo fundamental, pois fornece informações sobre prevalência e consequências de *bullying* na escola, dando subsídios para elaboração de estratégias preventivas e de enfrentamento.

O cenário de *bullying* encontrado condiz com estudos nacionais que afirmam ser o problema uma realidade das escolas brasileiras e que cresce continuamente, demandando ações contínuas de promoção de saúde com base na integralidade do cuidado, uma vez que o problema é complexo e multicausal (FANTE, 2005; MALTA et al., 2014; MELLO et al., 2018).

Em práticas de *bullying*, todo e qualquer envolvido sofre as consequências, ainda que em diferentes proporções. Os efeitos originários desse fenômeno podem inclusive ser sentidos muito após as agressões se encerrarem, trazendo dificuldades em diversos aspectos da vida dos afetados.

A Lei de nº 13.185 foi instituída no dia 6 de novembro de 2015, possui 8 (oito) artigos no total e entrou em vigor 90 dias após a publicação, dia 7 de fevereiro de 2016.

A referida lei tem como propósito desalertar atos de violência no âmbito escolar, instituindo, por meio desta, o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, mais conhecido como *bullying*.

Assim, para melhor utilização do dispositivo, foi instituída uma definição própria para esse tipo de agressão, considerando *bullying*, em seu art. 1º, § 1º:

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (BRASIL. Lei 13185, 2015, art. 1º)

Caracterizam, também, exemplos de condutas que se encaixam na violência, sendo estas:

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (*bullying*) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias.

Em seu art. 3º, explicita por meio exemplificativo o que viriam a ser os atos danosos do *bullying*, e classifica as agressões em verbal (que compreende insultos, xingamentos e apelidos ofensivos); moral (difamações e criação de rumores); sexual (por intermédio de assédios ou abusos); social (ignorar, isolar e excluir); psicológico (abrange intimidação, perseguições, chantagens e manipulações); físico (agressões); material (furtos, roubos, destruição de pertences alheios) e, ainda, o virtual (também conhecido como cyberbullying, que é basicamente o assédio e intimidação por meios virtuais, com a finalidade de provocar constrangimento e depreciar outrem).

No contexto analisado, percebe-se a violência entre pares mesmo em sala de aula. Quanto a isso, Silva (2013) ressalta que o professor tem um papel importante como agente de mudança, podendo intervir no momento da agressão e estimular a mudança de conduta, e dessa forma transmitir aos alunos que intimidações não são aceitas. Ainda o mesmo autor afirma que é fundamental a preparação dos professores com suporte teórico e metodológico para que possam identificar e responder ao bullying adequadamente, além de outras ações institucionais que propiciem um ambiente seguro, como supervisão dos alunos em áreas comuns da escola, oferta de espaços de mediação, estabelecimento de regras e sanções, mas principalmente atividades que trabalhem princípios éticos e morais para que eles por si mesmos compreendam os valores humanos e decidam agir sem violência (SILVA, 2013).

No que se refere às experiências vivenciadas pelas vítimas em situações de maus tratos entre os colegas, observou-se que poucos afirmaram ter encarado a situação como algo “normal”, e grande parte descreveu a situação como chata, difícil de enfrentar, constrangedora, vergonhosa, que causa tristeza, vontade de chorar,

sentimentos de baixa autoestima, desmotiva a frequentar a escola e até ideação suicida.

Tais relatos expõem o impacto devastador do sofrer *bullying* na vida de quem passa por isso. Para alguns alunos são apenas brincadeiras usuais da vida escolar, mas para outros há dor e sofrimento envolvidos (CARNEIRO e FIGUEIREDO, 2012). A vitimização pode levar ao isolamento, perda de interesse na escola e nos estudos (ANDRADE et al., 2019), além de estar associada a sintomas depressivos como tristeza, baixa autoestima, ansiedade, ideação e comportamento suicida (MOORE et al., 2017), que podem até se prolongar pela vida adulta (OLWEUS, 2013). Esses estudantes acabam por ver a escola como um ambiente insatisfatório, quando deveria ser um espaço pautado no desenvolvimento de relações saudáveis, de amizade e cooperativismo (LOPES NETO, p. 2005).

Entender as consequências dos danos causados pelo *bullying* pode depender de cada indivíduo, de suas vivências, predisposição genética, sua estrutura e a forma com que é exposto e o grau das agressões. Em todo o caso, porém, as vítimas sofrem pelos constantes ataques (em menor ou maior grau). Isto resultará em marcas que serão levadas para a vida adulta, e somente com a ajuda e apoio psicológico (e psiquiátrico) estes traumas serão resolvidos (SILVA, 2010).

Outra questão notada na investigação foi em relação ao apoio dos colegas nas situações de *bullying*. Nessa perspectiva, Fernandes et al. (2020) diz que a existência de relacionamento positivos na escola, tais como ter amigos e apoio afetivo dos colegas, configura um ponto essencial para a superação dos danos causados pelo bullying, uma vez que o suporte oferecido fortalece a autoestima e auxilia no enfrentamento da violência com confiança e motivação.

O tipo de agressão predominante entre os alunos é verbal, através de xingamentos, discriminação, gozações e menosprezo pela imagem corporal, aparência e timidez; apelidos e comentários maldosos. Percebe-se que os alunos agressores têm dificuldade em respeitar as características individuais dos colegas, utilizando-se de insultos verbais que constroem o outro. Esse tipo de *bullying* é o de ocorrência mais comum e mais fácil de praticar, e o que mais pode causar danos emocionais às vítimas aumentando o risco de elas desenvolverem complexos relacionados a autoimagem (ANDRADE et al., 2019).

Destaca-se na pesquisa que a maioria dos sujeitos alvos sofrem sozinhos por não relatar a ninguém o que está acontecendo, uma parte consegue contar a amigos

e uma minoria busca apoio de adultos, pais ou professores. Nesse sentido, são relevantes as ações que informem aos alunos a rede de apoio disponível para que eles busquem orientação e não se sintam isolados. A busca de auxílio é essencial para o estabelecimento das medidas necessárias para a solução da situação, tanto a nível individual como coletivo (CARNEIRO e FIGUEIREDO, 2012).

Supõe-se que as ações de discussão em sala e construção dos murais tenham contribuído para despertar nos alunos maior reflexão sobre seus comportamentos nas relações sociais. Silva (2013) diz que ações desse tipo colaboram para ampliar o conhecimento do assunto e assim ajudar na diminuição de ocorrências, porém não é o suficiente em razão do problema ser multicausal e de solução intersetorial. Sabemos da complexidade do problema e que as intervenções sobre *bullying* na escola precisam considerar outros contextos como família, escola e professores. Sendo assim, acreditamos que o papel do enfermeiro na escola é prover ações junto à comunidade escolar com base nos princípios da articulação para a construção de práticas independentes e da transversalidade do compromisso com a promoção à saúde nos diversos locais de atuação. Dessa forma, esperamos ter contribuído para mudanças de atitudes e promoção do incentivo ao respeito e cooperação entre os alunos.

5 Considerações finais

Ao propormos a intervenção de combate ao *bullying* em ambiente escolar, levamos em consideração a necessidade da discussão sobre o tema que ainda parece ser visto pela sociedade como situações normais, que acontecem na escola.

A intervenção nos possibilitou perceber o sofrimento causado em muitos alunos pelo *bullying* e que ações como essas são relevantes no combate ao problema, mas que demandam melhor planejamento e envolvimento de todos: professores, pais, alunos e profissionais de saúde.

Também nos conscientizou da possibilidade de atuação do enfermeiro nas escolas, pois permite que o aluno possa reconhecer, compreender e interferir em seu próprio processo de saúde-doença. A importância da união da saúde e educação, permite que o enfermeiro em questão atue na identificação de problemas para a prestação de assistência adequada, como também na prevenção de agravos,

podendo assim também considerar esse espaço como um lugar de prática do cuidado em saúde.

Enfim, por se tratar de um ambiente escolar, o enfermeiro deve trabalhar com este público de forma dinâmica para conquistar e manter o interesse, sempre procurando utilizar uma linguagem simples e clara; recursos educativos no processo de aprendizagem; promoção de atitudes e habilidades positivas, envolvendo os alunos ativamente e contribuindo para que hábitos de convivência de paz e respeito entre os alunos seja frequente em sua vida escolar.

REFERÊNCIAS

BALLONE, G. J. (2005) *Maldade da Infância e Adolescência: Bullying*.

BRASIL. Ministério da Educação. Especialistas indicam formas de combate a atos de intimidação. 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/47721-especialistas-indicam-formas-de-combate-a-atos-de-intimidacao>>. Acesso em 4 mar. 2019.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13185.htm>. Acesso em: 26 jun. 2019.

BRASIL. Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13663.htm>. Acesso em: 25 jun. 2019.

CARAVITA, S., COLOMBO, B. Comportamento de bullying, doenças na juventude e intervenção: quais são as sugestões das pesquisas sobre bullying no contexto brasileiro? *J. Pediatr. (Rio J.)*, Porto Alegre, v. 92, n. 1, p. 4-6, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572016000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 jun. 2019.

CARVALHOSA, S. F. et al. Bullying: a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Aná. Psicológica*, Lisboa, v. 19, n. 4, p. 523-537, out. 2001. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312001000400004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 25 jun. 2019.

FANTE, C. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas, SP: Editora Verus, 2005.

FANTE, C., PEDRA, J. A. *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artemed, 2008.

FERNANDES, Grazielli; YUNES, Maria Angela Mattar; FINKLER, Lirene. The Social Networks of Adolescent Victims of Domestic Violence and Bullying. *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 30, e3007, 2020. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2020000100402&lng=en&nrm=iso>. accesson 03 May 2020. Epub Mar 27, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3007>. Acesso em 25 mai. 2020.

LEVANDOSKI, G.; CARDOSO, F. L. Imagem corporal e status social de estudantes brasileiros envolvidos em bullying. *Revista Latinoamericana de Psicologia*. V. 45, n. 1, Março. 2013. Disponível em: < file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/3257-Texto%20do%20artigo-9137-1-10-20141217.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2019.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *J Pediatr (Rio J)*, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em 25 jun. 2019.

Moore, SE et al. Consequences of bullying victimization in childhood and adolescence: A systematic review and meta-analysis. *World journal of psychiatry*, 7(1), 60. (*World J Psychiatry*. 2017 Mar 22; 7(1): 60–76. Published online 2017 Mar 22. doi: 10.5498/wjp.v7.i1.60. Acesso em 23 jun. 2019.

Oliveira Wanderlei Abadio de, Silva Marta Angélica Iossi, Silva Jorge Luiz da, Mello Flávia Carvalho Malta de, Prado Rogério Ruscitto do, Malta Deborah Carvalho. Associações entre a prática de bullying e variáveis individuais e de contexto na perspectiva dos agressores. *J. Pediatr. (Rio J.)* [Internet]. 2016 Feb [cited 2020 May 05]; 92(1): 32-39. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572016000100032&lng=en. <https://doi.org/10.1016/j.jped.2015.04.003>. Acesso em 25 mai. 2020.

Olweus D. School bullying: development and some important challenges. *Annu Rev Clin Psychol*. 2013; 9:1, 751-780. Available from: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>. doi: 10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516. Acesso em 22 mar. 2020.

SILVA, A. B. B. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 15.

SILVA, A. B. B. *Projeto Justiça nas Escolas*. 2010.

SLOBODZIAN, L., HUBNER, C. A. R. Bullying no contexto escolar: possibilidades de intervenção. 2016. Disponível em: < http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_unespar-campomourao_luciaslobodzian.pdf>. Acesso em 08 abril 2019.

SOUZA, C. P.; ALMEIDA, L. C. P. Bullying em ambiente escolar. *ENCICLOPÉDIA BIOSFERA*, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v. 7, n. 12; p. 179-190, 2011.

Disponível em: <<<http://www.conhecer.org.br/enciclop/conbras1/bullying.pdf>>.
Acesso em 25 jun. 2019.

ANEXO A - HISTÓRIA FICTÍCIA PARA QUE ALUNOS ESCREVESSEM O FINAL DA NARRATIVA.

Figura - 1: Página do livro que contém a história apresentada aos alunos para escrever o desfecho

O certo a se fazer

PARA APRENDER 

1 Um gesto solidário pode causar grandes emoções. Leia este texto e reflita sobre essa questão:

Meu irmão

Hoje, quando voltávamos da escola, eu percebi que o meu irmão estava chateado. Não fez as brincadeiras bobas de sempre, não ligou o som do carro e praticamente não abriu a boca, a não ser pra cumprimentar a mamãe com um beijo e um oi.

Quando estávamos chegando, minha mãe perguntou:

- Aconteceu alguma coisa, filho?

O Bruno nem respondeu, só abaixou a cabeça e se desligou. Na hora do almoço, ela insistiu e o Bruno resolveu contar:

- Mãe, hoje eu fiz uma grande besteira na escola.
- O que foi?
- Eu sempre achei demais a turma do Beto.

Mas, eu estudando no 6º ano e eles no 8º, deixava um...

- Um espaço grande entre vocês? É isso que você quer dizer?
- É, mãe, é isso. Só que, por eu ser alto e já estar no time de vôlei, acabei me aproximando deles e eles me tratam de igual pra igual.
- Então, qual é o problema?

Eu já estava curiosa, com vontade de pedir que ele contasse tudo de uma vez. Não sei como mamãe conseguia ficar ali, parada, calma. Mas eu me segurei, senão o Bruno já ia me mandar ficar quieta ou dizer que eu era muito pequena pra ouvir o que ele tinha pra contar. Revirei a comida no prato e fiz de conta que não estava interessada na conversa. Ele continuou:

- Sabe aquele menino que eu te contei que começou a estudar na minha sala,



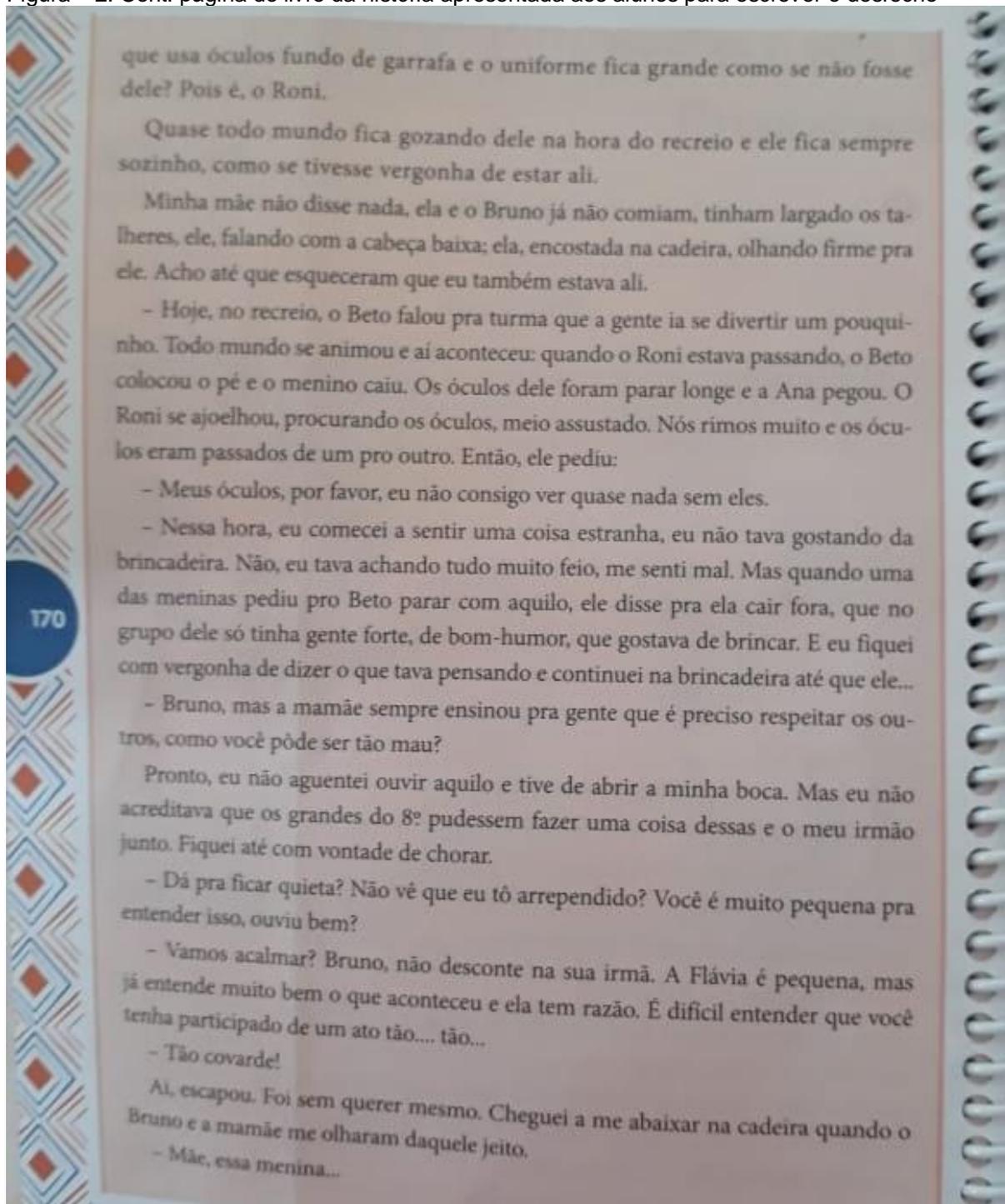
169

Ensino Fundamental – 5º ano

Fonte: Dumont (2014)

ANEXO B - HISTÓRIA FICTÍCIA PARA QUE ALUNOS ESCREVESSEM O FINAL DA NARRATIVA

Figura – 2: Cont. página do livro da história apresentada aos alunos para escrever o desfecho



Fonte: Dumont (2014)

ANEXO C - HISTÓRIA FICTÍCIA PARA QUE ALUNOS ESCREVESSEM O FINAL DA NARRATIVA

Figura – 3: Cont. página do livro da história apresentada aos alunos para escrever o desfecho

- Flávia, por favor, vamos deixar que seu irmão termine de contar o que aconteceu?

Fiquei muda, disse pra mim mesma que só ia abrir a boca pra colocar a comida lá dentro. E só!

- Mãe, o Roni chorou e a menina que tinha pedido pro Beto parar tomou os óculos da minha mão e entregou pro Roni. Ainda bem que bateu o sinal naquela hora e eu pude ir pra sala, porque eu tava sentindo um aperto por dentro. Na sala, eu não conseguia nem olhar pros lados, parecia que todo mundo sabia o que tinha acontecido e eu tava morrendo de vergonha. Quando bateu o sinal pra saída, eu corri pra porta, apressado, e nem vi a mochila do Márcio, que estava na frente da carteira.

Acabei tropeçando e fiquei caído no chão. A turma toda riu, menos o Roni. Eu fiquei olhando pra ele e ele vindo na minha direção. Eu imaginei que ele fosse rir, que fosse dizer benfeito ou coisa parecida. Mas ele chegou bem perto, estendeu a mão pra mim e disse:

- Não liga, isso também aconteceu comigo hoje.

- Mãe, eu morri de vergonha. É claro que ele sabia que eu estava lá na hora do recreio. Levantei com a ajuda dele e nem consegui falar nada, saí correndo.

- Filho, eu acho que você não precisa de repreensão pelo que fez. Você mesmo já percebeu que houve muitos erros nessa história e eu tenho certeza de que você vai saber fazer os consertos.

A minha mãe levantou e abraçou o meu irmão, que estava chorando. Eu fiquei meio engasgada, a comida tinha ficado parada na boca e não sabia direito o que fazia com ela. O que eu sabia é que nós ainda vamos voltar a falar sobre esse assunto, a minha mãe só estava dando um tempo, mas, é claro, era muito importante pra que ficasse assim.

- Não vamos falar sobre isso por enquanto. Mais tarde, quando você ficar mais tranquilo, nós voltamos a conversar, está bem?

Eu não disse?

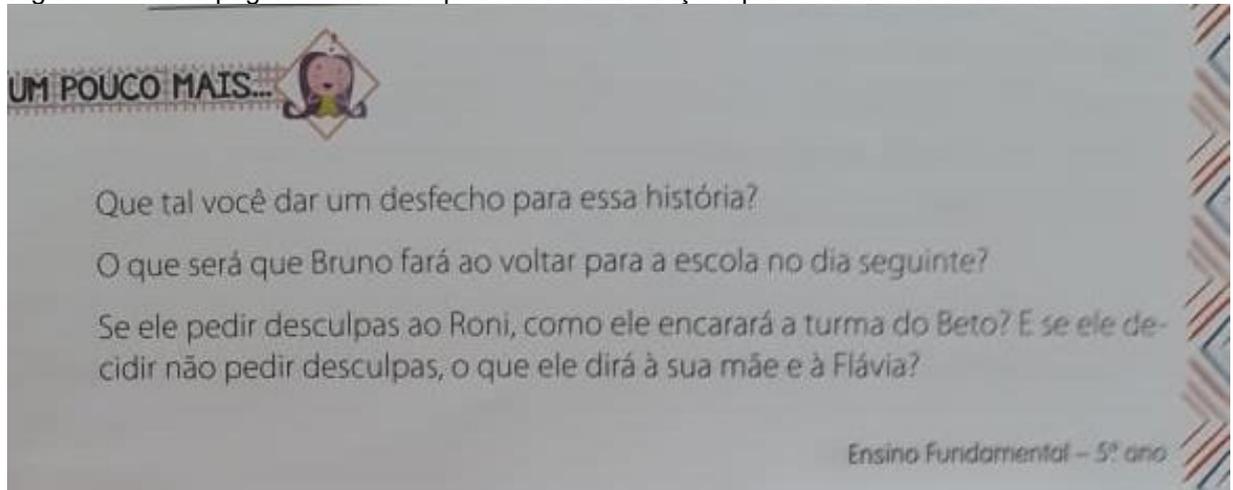


171

CARVALHO, Maria. *Meu irmão*. Texto não publicado. Curitiba, 2000
Ensino Fundamental – 5º ano

ANEXO D - HISTÓRIA FICTÍCIA PARA QUE ALUNOS ESCREVESSEM O FINAL DA NARRATIVA

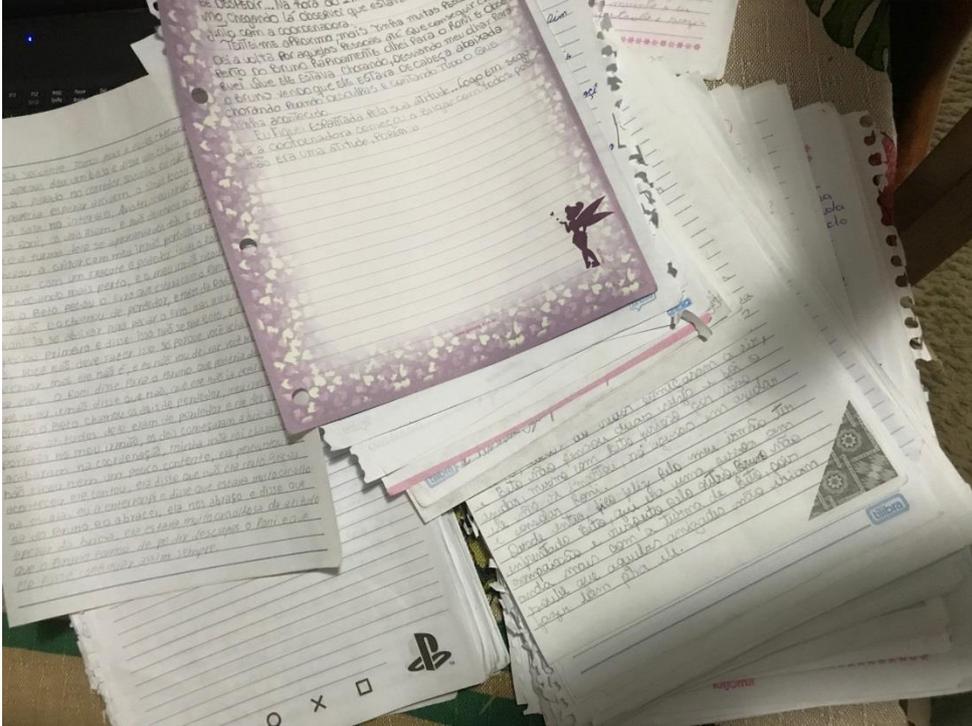
Figura – 4: Cont. página do livro no qual autora dá instruções para o desfecho da história



Fonte: Dumont (2014)

APÊNDICE A – FASE 1 DA INTERVENÇÃO

Fotografia 1 – Desfechos da história construída pelos alunos



Fonte: Leonardo Paes (2019)

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DA FASE 3 DA INTERVENÇÃO

Fotografia – 2: Questionário aplicado aos alunos

Questionário sobre *Bullying*

Prezado (a) aluno (a), você recebeu esse questionário com algumas perguntas sobre a violência escolar. Por favor, responda com sinceridade e calma. Se for necessário, poderá assinalar mais de uma resposta e acrescentar comentários.

Não coloque seu nome

Você é: () menino () menina

Qual é sua idade?
() 14 anos () 15 anos () 16 anos () 17 anos
() 18 anos () outra _____

Você tem quantos amigos na escola: () 0
() 1 a 9 () mais de 10

Você já fez algum tipo de bullying com alguém?
Sim () Não ()

Você já sofreu algum tipo de bullying?
Sim () Não ()

Se "SIM", como foi enfrentar esta situação?

Uma vez me falaram que sou/estava...

Gostaria que, naquele momento, alguém tivesse me falado...

Quantas vezes isso acontece ou aconteceu neste ano? () nunca () 1 vez no ano () 2 vezes
() quase todos os dias () diariamente

Onde esses eventos acontecem?
() no caminho para escola ou casa
() na entrada ou saída da escola
() na sala de aula
() no recreio / intervalo
() nenhum local

Você falou isso para alguém?
() ninguém () amigo () pai/mãe ou familiar
() professor (a) () funcionário da escola
() outro _____

Por que você acha que isso acontece?
() devido a sua aparência. Explique

() por inveja
() para mostrar que é mais forte
() para aparecer / chamar atenção
() porque você provoca (mexe) com ele(a)
() não tem motivo
() outro _____
() não acontece

Quem você acha mais violento na sua escola?
() Meninos () Meninas
() Não vejo nenhum ato violento na escola

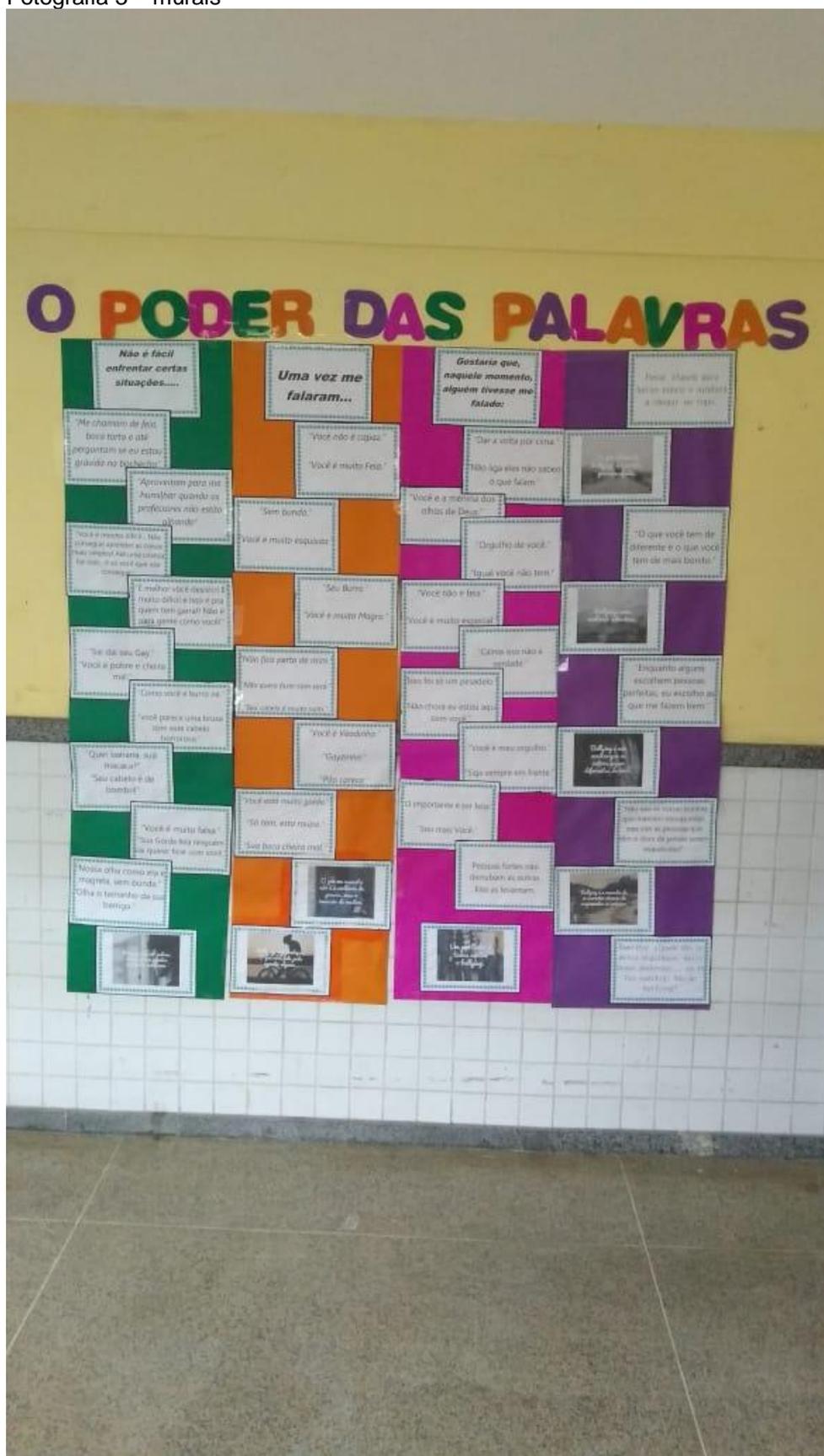
O que a direção da escola poderia fazer para diminuir a violência na escola?
() Atividades contra a violência
() Chamar os pais dos alunos agressivos
() Oferecer ajuda aos alunos que sofrem violência
() Dar castigos aos agressores
() Outras _____

Fonte

: Patrícia Araújo (2019)

APÊNDICE C – MURAS CONSTRUÍDOS

Fotografia 3 – murais



Fonte: Leonardo Paes (2019)